

HOMENAGEM a Naief Sáfy

João Carlos de Melo Mota

Prezado Mestre,

Ainda que sem peias para dizer que, ao aceitar a incumbência, inigualável para este ex-aluno, de lhe render uma homenagem em crônica, é forte o receio de ter pela frente uma tarefa "crônica" quase intransponível, vou assim mesmo tentar o que em nosso contato tão breve de mestre/ discípulo, colega/ colega, me faltou conseguir: ter/ser ponte justamente para a solidificação desse contato, passando a estendê-lo aos outros. Reconheço, aliás, até que ponto era difícil ter tal contato estabelecido, normalmente, quando ele se oferecia normalmente. Mais que reconhecer isso hoje, sinto como se fosse hoje a primeira ligação formal - mas quase não havia jeito de ela não ser apenas formal - entre nós dois, ou entre um badalado e temido Professor lá-nas-alturas e um assustadíssimo bando de futuros pretendentes à vida universitária. Lembro-me do pânico da primeira prova - Os *Sertões* pareciam um cipóal, de repente, para quem devia recordar um pequeno trecho comprovador de uma idéia proposta e valendo metade dos pontos, sob a arritmia sufocante de uma obrigação moral (e de uma nota a ser conquistada). Recordo

as emoções comprimidas quando alguém, fazendo uma qualquer pergunta, fosse ela a mais correta e, às vezes, necessária, já se encolhia interior e fisicamente ante a tempestade armada de uma resposta/investida, ao fim da qual, ao menos com alguma coisa de bom ficava o aluninho: estaria caminhando na direção da sabedoria porque ganhava de presente a chance aberta de ver que nada sabia.

E seria de se esquecer o ritual de entrega dos resultados de um exame, e que ao mesmo tempo desmentia um ritual verdadeiro, tal a sua rapidez? Da cátedra vinha o teatro: o Professor, "mostrando" que iria tomar conhecimento, naquele exato momento, de todo o conteúdo de cada prova, percorria supersonicamente as duas ou três páginas com um olhar McIntosh e exarava o rótulo ou o decreto inapelável de um dois, de um um e meio, de um três, quando muito, na escala de dez, e relaxava o ambiente com uma perguntinha retórica "amena": tal nota... está bom? Finalmente, na segunda metade do ano letivo, a debandada para outros colégios marcava o descompasso entre professor e aluno.

Curioso, aqui terminam minhas lembranças, e a partir daí os ares, já rarefeitos, me enchem o espírito de uma sensação misteriosa. Não sei bem definir o que gostaria de relatar. Como o poeta músico, um rio passou em minha vida, e não importa a sua cor. Estou até hoje banhado de um clarão fortíssimo, e neste agora mesmo em que me transfiro para o papel, recebo, de chofre, um golpe na boca do coração. Não há como

negar, o negócio é ver a latitude e a longitude desse raio avassalador. E devo confessar, Professor, nunca, em toda a minha vida, alcancei um aprimoramento de minha capacidade de captar a realidade tão intenso e em espaço de tempo tão curto; jamais alguém me sacudiu forte assim, como, desculpe, você; o "Senhor" de ontem é filtrado hoje - e o era, aliás, desde aquele 2º semestre singular do 3º clássico - para uma simbiose perfeita entre o que se poderia chamar de eterna e natural disposição ao-saber-que-leva à-sabedoria e o se dispor a favorecer essa disposição; nunca aprendi tanto sobre o homem, sobre no nossa condição ímpar, como sobre mim mesmo.

E agora chego a me perguntar se não estaria em dita simbiose o princípio básico da verdadeira pedagogia. Naief Sáfady, a par de seu imenso talento geral, e não obstante seu gigantismo exagerado e distorcido em tantos casos, não seria precisamente um colosso pedagógico não apreciado devidamente? Passou, e não soubemos aproveitar o seu maior potencial.

Mas, felizmente, não passou completamente o que você foi e nos legou. De outra forma, nem que fosse eu caso único e isolado, como estaria, *hic et nunc*, rendendo o que ainda acho pouco que lhe seja rendido, esse preito circunstancial de papel. Bobagem nossa, não lhe rendo nada, porque render é devolver, devolver é próprio de religião, religião é coisa de deuses, e você, grande Sáfady, é para mim um sinal concreto de se ser homem e humano num universo que é o Homem que constrói, pois

você é percurso sobre percursos, caminho para caminhos, pura continuidade que combate a continuidade pura. E desculpe se não falei, com todo o esforço, coisas "mult'importantes" para alguém de fato importante.

Agora, sim, sinto-me ponte. Talvez fosse isso o mais importante.

João Carlos